



REVISTA ELETRÔNICA DE JORNALISMO CIENTÍFICO

[■ Dossiê](#) [■ Anteriores](#) [■ Notícias](#) [■ HumorComCiência](#) [■ Cartas](#) [■ Quem Somos](#) [■ Fale conosco](#)**Notícias**

Busca:

Notícias

Quanto maior o cargo na ciência, menor o número de mulheres

Por Sabine Righetti, SBPC, Campinas
15/07/2008

Um dia depois da mesa de abertura da 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) ter reunido doze homens (pesquisadores, políticos e coordenadores de entidades ligadas à ciência e à tecnologia) e nenhuma mulher, o evento trouxe na segunda-feira (14) um simpósio sobre a presença da mulher na ciência brasileira. O encontro reuniu duas importantes pesquisadoras de gênero do país, Maria Conceição da Costa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Márcia Cristina Barbosa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a reitora da UFRGS, Wrana Panizzi, e a ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Nilcéia Freire.



Wrana Pazzini: distribuição desigual de sexo nas áreas de conhecimento está ligada ao processo de socialização

Costa iniciou sua apresentação lembrando uma frase recente do ex-reitor da Universidade de Harvard (EUA), Lawrence Summers, que afirmou, em conferência acadêmica realizada em 2005, que as diferenças biológicas poderiam explicar porque há menos mulheres do que homens nas posições mais altas da carreira científica. "Estamos falando de algo que aconteceu há três anos em uma das mais importantes universidades do mundo", disse. Segundo ela, a ausência das mulheres nos topos da ciência é pouco percebida em função da manutenção da idéia de neutralidade e universalidade da ciência. É preciso, afirma, repensar o modelo masculino de se fazer ciência.

A pesquisadora trouxe um levantamento específico sobre o curso de ciências biológicas da Unicamp. Os números mostram que há um equilíbrio entre homens e mulheres na graduação, nas concessões de bolsas de iniciação científica e de mestrado. Mas o cenário muda quando se aproxima do topo: a grande maioria dos coordenadores de projetos da biologia da Unicamp são homens. "As mulheres são abduzidas ao longo da carreira", brincou.

A coordenadora da mesa, Wrana Pazzini, lembrou ainda que a distribuição

de sexo nas áreas de conhecimento são desiguais e estão ligadas ao processo de socialização. Isso porque, em geral, as mulheres são incentivadas às áreas ligadas ao cuidado e proteção, como educação, saúde e alimentação e os homens, por sua vez, às áreas de tecnologia e finanças - que são as melhores remuneradas. Além disso, o período reprodutivo feminino coincide com o início de consolidação da carreira, o que causa interrupções na produção acadêmica e profissional.

Nas exatas, desigualdade é pior

A "desigualdade no topo" também foi percebida por Márcia Barbosa (UFGRS), em um estudo na área de física, em que se graduou. Conforme os dados apresentados pela pesquisadora, hoje em dia, a graduação na universidade brasileira é composta por 56% de mulheres, mas na física elas são apenas 20%. No corpo docente universitário deste campo, há ainda uma redução drástica: apenas 16% dos professores são mulheres.

De acordo com o estudo de Barbosa, o número de mulheres na ciência se reduz conforme a evolução da carreira: "há um corte sistemático ao longo da carreira científica em que as mulheres abandonam a luta pela continuidade da sua carreira". Um prova disso é que, na física, apenas 3% dos pesquisadores da categoria "1A" (que concentra maior titulação e a produção científica, dentre nove categorias do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento - CNPq) são mulheres. No entanto, em termos gerais, a média de produção de artigos acadêmicos das mulheres na física é o dobro dos homens. "Isso mostra que as mulheres têm que ser muito melhores que a média dos homens para se manter nas exatas", analisa.

E o problema não é apenas cultural-brasileiro (já que o Brasil é considerado um país machista): o fenômeno da diminuição das mulheres na carreira científica conforme a sua evolução é uma característica mundial e, na Europa, é conhecido como "tesoura". Alguns países já têm políticas públicas específicas para o caso: na Inglaterra, por exemplo, há um programa que incentiva as mulheres que abandonaram a sua carreira durante a gravidez a voltar a trabalhar. "Isso é especialmente importante em países que praticamente não têm assistência à mulher no período da maternidade, como creches". Outras iniciativas são mais pontuais, como por exemplo a simples construção de banheiros femininos em prédios de institutos de física.

No Brasil, políticas recentes

Se não existe uma política pública com foco específico na carreira científica feminina no Brasil há, no entanto, um avanço significativo em termos de políticas públicas para a mulher desde a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), do governo federal, comandada por Nilcéia Freire. No simpósio da SBPC, ela lembrou que as desigualdades da carreira científica seguem o mesmo padrão de áreas como na política: nas eleições de 2008, apenas 20% dos candidatos são mulheres.

E a mesma desigualdade se mantém no mercado de trabalho: hoje, as mulheres representam 52% da população economicamente ativa (PEA) do Brasil e, de acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, a desigualdade salarial entre homens e mulheres teve uma diminuição de 2%. Mas se seguirmos o ritmo dos últimos anos, quando aceleradamente as mulheres foram incorporadas no

mercado de trabalho, serão necessários 87 anos para as mulheres terem equidade de salários com os homens. "Por isso são necessárias políticas públicas", ressaltou a ministra. Ela frisou ainda a importância de estudos de gênero para dar base à reflexão: "Mas esses estudos ainda são considerados militância".

A SBPC segue até sexta-feira (18) com aproximadamente 300 atividades que, com exceção dos mini-cursos, são todas gratuitas. A programação completa pode ser conferida no **site** do evento.